

PRECISA-SE DE UM LINGUISTA: DA RELEVÂNCIA DO ANALISTA DA LINGUAGEM NA COMPREENSÃO DO MUNDO DO TRABALHO

*A LINGUIST IS NEEDED:
ABOUT THE RELEVANCE OF THE LANGUAGE ANALYST IN
UNDERSTANDING THE WORLD OF WORK*

Taiane Malabarba¹

Ana Maria de Mattos Guimarães²

Resumo: Embora o interesse da Linguística pelo trabalho não seja recente, a relevância do analista da linguagem é (ainda) desconhecida por muitos. Assim, visando promover uma interlocução entre a Linguística Aplicada e outras áreas das Ciências Humanas interessadas em investigar o trabalho, colocamos em evidência três estudos que, apesar de adotarem perspectivas teórico-analíticas distintas, investigam diferentes práticas institucionais através da análise da linguagem: Boutet (1994/1997); Ostermann e Souza (2009); e Guimarães, Drey e Carnin (2012).

Palavras-chave: linguística aplicada; mundo do trabalho; análise pela linguagem.

Abstract: Despite the interest of Linguistics for the world of work not being recent, the relevance of the language analyst is (still) unknown by many. Therefore, aiming at promoting a dialogue between Applied Linguistics and other areas of the Human Sciences interested in investigating the work, we put in evidence three studies which, in spite of adopting distinct theoretical-analytical perspectives, investigate different institutional practices through the analyses of language: Boutet (1994/1997); Ostermann e Souza (2009); e Guimarães, Drey e Carnin (2012).

Key-words: applied linguistics; the world of work; analyses through language.

PARA INICIAR

Uma das formas mais comuns de organização econômico-social, o trabalho, tem sido analisada desde sua emergência; ainda que, no início, esta análise adviesse dos donos das empresas e tivesse como objetivo maior o aumento da lucratividade (BRONCKART, 2008). Foi assim que o mundo viu nascer o taylorismo³ (1910/1927), que, de modo geral, constituiu-se numa sistematização dos procedimentos que visava à operacionalização das máquinas de forma mais rápida e melhor.

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Unisinos.

² Professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada.

³ Para uma discussão acerca dos princípios do capitalismo, ver Taylor (1927) e Bronckart (2008).

Em oposição à tentativa de adaptar o homem à máquina, surgiu a Ergonomia, ciência fundada por Murrell, em 1949. No início, a preocupação era com a saúde física dos trabalhadores, submetidos a altas cargas horárias de trabalho com atividades repetidas e em posições, muitas vezes, bastante insalubres. Com a evolução dos estudos nesta área, o interesse incidiu sobre o trabalhador como um todo, e a Ergonomia passou a sustentar que “não se pode definir o trabalho real sem se considerar o conjunto de aspectos das relações entre o operador e as tarefas que ele deve realizar” e a visar a apreensão do trabalho “do ponto de vista dos operadores” (BRONCKART, 2008, p.97).

Esse novo modo de olhar para o trabalho colocou em evidência a diferença entre 1) o que se esperava do trabalhador em relação a determinadas tarefas e 2) as ações efetuadas durante a realização dessas tarefas. Assim, o trabalho passou a ser estudado a partir da dicotomia *trabalho prescrito e trabalho real*⁴. Entretanto, visto o caráter heterogêneo das condutas dos envolvidos no trabalho, observou-se, mais tarde, a necessidade de recorrer ao trabalhador – ou seja, de ouvi-lo falar sobre como ele lida com as diversas situações antes, durante e depois de efetivamente realizar suas atividades (FAÏTA, 2002). Dentro desta tendência contemporânea, a linguagem deixou de ser uma simples ferramenta para a comunicação instrutiva no sentido de dar conta da realização das tarefas e adquiriu um papel central. Ou seja, o discurso do trabalhador acerca de seu trabalho passou a ser visto como uma via de acesso ao “verdadeiro” objeto de uma atividade, ao que a simples observação do trabalho não permitiria apreender.

Indo além desta compreensão um tanto reducionista da linguagem, vista como ferramenta para a explicitação do não dito, um debate ainda atual é justamente no que se refere ao escopo da linguagem e de que forma podemos nos apropriar dela visando à compreensão dos significados sobre o trabalho, como podemos observar a seguir:

Se a linguagem é um elemento essencial na construção da ação e da significação, na afirmação das identidades profissionais, no planejamento, na coordenação, na negociação das atividades e das tomadas de decisão, como explorar suas formas, orais e escritas, como descrever seus efeitos, como construir a enquete de modo a garantir à linguagem o seu lugar dentre outros recursos, mas também como restituir sua especificidade? (CAHIER LANGAGE ET TRAVAIL, n.5, Apresentação *in* Faïta, 2002).

Embora considere a pertinência de debates como este, não é este o propósito deste artigo. Tampouco usaremos este espaço para ir além destes comentários iniciais e fazer uma revisão teórica extensa sobre a evolução das ciências do trabalho.

Tendo em mente a complexidade do trabalho, buscamos articular um debate⁵ que promova reflexão em torno do papel do analista da linguagem e de que forma ele pode efetivamente contribuir para as situações de trabalho. Para isso, tratamos de três pesquisas sobre contextos distintos, que têm em comum o fato de ilustrarem algumas possibilidades de análise a partir de um viés que prioriza a linguagem.

⁴ Trabalho real são as ações efetivamente realizadas no trabalho e trabalho prescrito as prescrições advindas de diversas instâncias e que visam regular/orientar uma atividade de trabalho. Para uma discussão acerca da distinção entre trabalho prescrito e trabalho real, ver Bronckart (2006, p.208).

⁵ Este debate teve origem durante a disciplina Leituras dirigidas – Linha de pesquisa 3 – Linguagem e Trabalho, ministrada pelas Profas. Dras. Ana Maria de Matos Guimarães e Marlene Teixeira, que ocorreu no segundo semestre de 2011, junto ao PPPG Linguística Aplicada da Unisinos.

Descreveremos, primeiramente, o estudo realizado por Boutet (1994, 1997) no contexto industrial, quando operários foram entrevistados acerca de seu trabalho; em seguida, passamos à proposta de análise das interações médico-paciente ilustrada com a pesquisa de Ostermann e Souza (2009); e, por último, apresentaremos a proposta de olhar para o trabalho de uma docente a partir das interações de sala de aula, trazendo para discussão o estudo de Guimarães, Drey e Carnin (2012), voltado para a análise do trabalho real/concretizado de professores-estagiários do curso de Letras de um curso superior.

Esta escolha não se deu de forma aleatória e se justifica por se tratarem de pesquisas que ilustram de forma bastante eloquente as possibilidades da Linguística no que tange aos estudos sobre o trabalho. Ressaltamos que, em virtude do espaço, não nos deteremos na apresentação detalhada das bases epistemológicas de cada estudo, remetendo o leitor às referências bibliográficas dos textos mencionados ao longo do texto.

OS FENÔMENOS DE CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SIGNIFICADO: BOUTET (1994/1997)

Visando “esclarecer os fenômenos de construção social do significado” (p. 1), a linguista Joseane Boutet (1994/1997), realizou um estudo com funcionários de uma indústria a partir do seguinte questionamento: “no trabalho, o que você faz neste momento?”. O conjunto de dados, compostos por 26 entrevistas com responsáveis por diferentes funções dentro da fábrica, permitiu à pesquisadora evidenciar três construções sintáticas básicas, que foram agrupadas na seguinte tabela:

Construção	Exemplo
x ser y	“sou moldador”
x estar em y	“estou nos convectores”
x fazer y ou x verbo de ação	“faço consertos” “conserto”

Tabela 1: tabela analítica apresentada em Boutet (1994/1997)

O que a tabela acima permite observar é que a mesma pergunta gerou modos de dizer distintos, que mostram diferentes maneiras de os entrevistados conceberem uma ‘mesma’ situação social, o próprio trabalho. Adentrando minimamente na análise realizada pela autora, tomemos o uso por parte do entrevistado de um substantivo derivado de um verbo para denominar sua profissão, isto é, o fato de alguns trabalhadores utilizaram termos como “soldador”, “moldador”, etc. para responder à pergunta “no trabalho, o que você faz neste momento?” enquanto outros preferiram construções como “estou na triagem das máqui-

nas”. Diante de dados como estes no corpus, dificilmente um pesquisador não se questionaria sobre o porquê de algumas pessoas usarem um substantivo derivado de um verbo e outras não. Uma análise de conteúdo clássica poderia levar a crer que os trabalhadores que não atribuem um substantivo relativo à sua profissão não têm uma profissão ou que não consideram suas atividades como profissionais.

Boutet (1994/1997), atendo-se à descrição dos princípios formais das línguas, coloca em evidência as razões que levam a compreender a ocorrência de tal fenômeno. Primeiramente, segundo a autora, existem na língua francesa – assim como existem em outros idiomas – algumas limitações linguísticas, como, por exemplo, a que leva à construção “faço a conservação das máquinas”, uma vez que um substantivo agentivo correspondente (“conservador de máquinas”) inexistente em francês. Além disso, a autora lembra que há normas locais ou organizacionais que “impõem alguns modos de falar” (p.8), como é o caso de “estou na triagem das máquinas”, que poderia ter sido substituído pelo derivado “triador⁶”, existente na língua francesa, mas não o foi. Neste caso, a restrição não é de ordem morfológica, mas relacionada às “normas sociais, válidas para os integrantes de uma profissão ou específicas de uma determinada empresa” (p.8). Isto significa dizer que algumas formas soam “estranhas” em determinadas línguas e/ou determinados contextos, o que leva o trabalhador a preferir outras.

Um outro aspecto, que articula propriedades linguísticas e sociológicas, também chama a atenção para a relevância do estudo. Trata-se do uso do verbo “ser” para designar uma propriedade – que pode ser do tipo alienável (passíveis de mudança, como “estar feliz” ou “ser vendedora”) ou inalienável (estáticas, como “ser mulher”, “ser mãe”) (BOUTET, 1994/1997, p.8). Nos dados obtidos, houve três ocorrências do uso da propriedade profissão (considerada como sendo do tipo alienável) seguida de um índice temporal, o que indica que “ser secretária” ou “ser soldadora” podem ser propriedades demarcadas temporalmente e válidas somente dentro do período atual ou anterior mencionado.

Entretanto, é necessário que haja uma certa duração, uma vez que as pessoas não costumam dizer: “de manhã sou cabeadora, duas horas depois sou soldadora”. E sim: “de manhã, eu faço a manutenção das máquinas, à tarde, fico lá em baixo pra ajudar a soldar⁷”. Como as características do contexto estudado incluem mobilidade por parte dos funcionários, troca de ocupação, operários não-qualificados e muitas substituições, a utilização de uma nomenclatura profissional substantivada fica praticamente inviável. Ou seja, através da percepção das marcas temporais, pode-se verificar que este fenômeno se dá também “porque a expressão de uma profissão implicaria a experiência de um tempo profissional relativamente estável” (p.9), o que não condiz com a mobilidade característica dos funcionários na empresa estudada.

Neste trabalho, Boutet, a partir da semântica e em princípios apoiados em Bakhtin/Voloshinov, constrói uma rigorosa descrição sociolinguística extremamente útil para estudiosos do mundo do trabalho. A dificuldade de codificar a atividade de trabalho já parcialmente semiotizada, de passar do gesto à palavra é muito bem explorada por esta autora. A língua

⁶ Em francês: ‘trieur’.

⁷ Fala fictícia criada por nós a título de ilustração.

é vista como soma de possíveis e impossíveis, em que o sentido se constrói no dialogismo, através do outro (CF. VOLOSHINOV, 2004). Como ela mesma afirma:

[...] o domínio do trabalho constitui um referente pouco codificado discursivamente, poucos discursos circulam e são construídos no seio dessa formação linguageira [...] Para falar do *métier*, da atividade e trabalho [...] os indivíduos são confrontados com uma formação linguageira de algum modo lacunar (BOUTET, 2004, p. 216).

A PARTIR DOS DADOS, A ANÁLISE DAS INTERAÇÕES: OSTERMANN E SOUZA (2009)

A pesquisa que relataremos a seguir baseia-se nas características da interação face a face, que apresenta diversas oportunidades de analisar a linguagem, a cultura e a organização social como componentes integrados de um único sistema de **ação**. Essa perspectiva analítica é chamada de Análise da Conversa ou estudos de fala-em-interação⁸ e, além de ser *data-driven* (objeto de estudo parte dos dados), prioriza a perspectiva dos participantes (perspectiva êmica) no momento da interação, ou seja, as questões para as quais os interagentes se orientam na construção de suas ações em diferentes contextos (GARCEZ e LODER, 2005).

O estudo de Ostermann e Souza (2009) foi realizado a partir de um vasto conjunto de dados – 144 gravações em áudio de interações entre médicos ginecologistas e obstetras e pacientes de um posto do SUS do Rio Grande do Sul – e mostrou que as atribuições (comentários das pacientes acerca das possíveis causas para os problemas-tema da consulta) eram feitas de forma diferente, e que isso influenciava a maneira como os médicos envolvidos reagem a essas atribuições. A figura 1 traz um exemplo retirado de Ostermann e Souza (2009) da ocorrência de atribuições (linhas 121,122) nas interações médico-paciente:

119 PACIENTE	e aí me dói eu (.) toco ali da agulha
120 MÉDICO	ãhã
121 PACIENTE	me dá umas agulhadas no seio(.) umas ferroadas eu acho assim que
122	é xx ou (.) sei lá (.) meu marido diz é músculo andressa @@
123 MÉDICO	vamo cê acho que xx
124 PACIENTE	xxxxx
125 MÉDICO	acho que não é mesmo nada de <u>mama</u> tá:
126	(5.0)
127 MÉDICO	vamo vê uma ecografia de mama (pra ficar bem garantido)

⁸ Consoante Drew e Heritage (1992), o termo “fala-em-interação” é preferível que “análise da conversa”, uma vez que parece ampliar o escopo desta perspectiva teórica, que tem por objeto de pesquisa não só as interações cotidianas (inicialmente consideradas foco principal de interesse), mas também as institucionais, conhecidas como *talk at work* ou *institutional interactions*. Atualmente, os termos têm sido usados como equivalentes, sendo que alguns autores ora utilizam o termo “análise da conversa”, ora “estudos de fala-em-interação”.

128	(1.0)
129 MÉDICO	mas pode ser só por tu tá::: (.) agora voltando a (.) o ciclo
130	menstrual [xxx]
131 PACIENTE	[mhm]
132 MÉDICO	tá (.) pode ficar tranquila (.) não é nada grave

Figura 1: retirada de Ostermann e Souza (2009), p.1530

Uma vez que, a partir dos dados, as atribuições foram tomadas como fenômeno interacional de análise, as autoras identificaram que ora as atribuições eram feitas em forma de “pistas durante a anamnese”, sem pressionarem o médico a respondê-las, ora por meio de perguntas diretas aos médicos, o que os “obrigaria” a respondê-las. Ainda, observaram que, muitas vezes, o paciente provê mais informações do que foi requisitado pelo médico e, em outras, para se protegerem e não invadirem o território de conhecimento do profissional da saúde, acabam por responsabilizar terceiros pela sua própria formulação, como aparece na linha 121 da figura 1.

De maneira geral, o estudo revelou que, na maioria das vezes, as pacientes realizam suas atribuições no momento de anamnese. Entretanto, os médicos tendem a responder às atribuições das pacientes a partir do exame físico. Ainda sobre os médicos participantes do estudo, constatou-se que eles quase sempre avaliam as atribuições trazidas pelas pacientes, o que, como pontuam as autoras, aponta para uma prática interacional mais humanizada no que atendimento à saúde.

O quadro teórico apresentado neste estudo toma como base uma perspectiva sócio-histórica de análise das ações, em que as práticas são, de fato, situadas e irrepitíveis, assim como o contexto no qual se desenvolvem essas práticas. Nesta abordagem, qualquer momento de interação face a face se constitui como um cenário no qual o significado social e de experiência é construído, o que oportuniza analisá-lo social e linguisticamente. Dada a natureza inerentemente dialógica da comunicação humana, os significados são, por sua vez, situados contextualmente. Assim, pode-se observar que os formatos sequenciais apresentados em situação de trabalho têm propriedades específicas, diferentes das observadas nas conversas cotidianas, como bem aponta Bronckart (2010,p.159).

O estudo desenvolvido por Boutet e a pesquisa de Ostermann e Souza apresentam como ponto comum o fato de, a partir de diferentes perspectivas teóricas, tratarem das relações existentes entre certos aspectos de situações de trabalho, sejam tarefas ou interações institucionais, e as propriedades estruturais e propriamente linguísticas das trocas verbais que ocorrem nesses ambientes. O trabalho a seguir analisado segue uma perspectiva mais ampla, que tenta atingir uma ciência do humano, como pode-se perceber pelas palavras de Bronckart (2010), após fazer a comparação entre propostas oriundas da (sócio)linguística interacional de base etnometodológica e a do Interacionismo Sociodiscursivo:

Na posição que defendemos, a atividade linguageira está *a serviço da atividade humana* em geral (é um mecanismo *de compreensão dentro da atividade*, de acordo com a fórmula de Habermas, 1987) e as produções verbais concretas se organizam em *gêneros de texto* que são adaptados e pertinentes ao quadro desta ou daquela atividade (BRONCKART, 2010, p.162).

PARA FALAR DE INTERDISCIPLINARIDADE: GUIMARÃES, DREY E CARNIN (2012)

De maneira bastante interessante, ainda que defendam análises linguísticas específicas distintas, tanto Boutet (1994/1997) quanto Ostermann e Souza (2009) parecem não defender um único olhar sobre o trabalho: “a Análise da Conversa pode constituir uma produtiva abordagem analítica para estudos qualitativos na área de saúde do Brasil, pois ela mostra as ações das pessoas por meio da linguagem” (OSTERMANN e SOUZA, 2009); e “o campo de pesquisa em questão (...) implica um segundo encontro, o da interdisciplinaridade com os sociólogos do trabalho, os ergônomos, os psicólogos do trabalho, os psiquiatras e psicólogos clínicos do trabalho” (BOUTET, 1994/1997, p.4).

Cabe ressaltar que, assim como Ostermann e Souza (2009) não usam o termo interdisciplinaridade em seu artigo ou mencionam outras correntes epistemológicas que podem vir a contemplar a análise, também Boutet (1994, /1997) limita-se a mencionar unicamente as ciências do trabalho consolidadas na França. Entretanto, parece haver um movimento por parte de ambas de deixar claro que o viés de suas pesquisas constitui-se como parte de um todo maior que a complexidade do trabalho demanda.

E é justamente uma proposta interdisciplinar que o Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), base epistemológica do estudo de que iremos tratar a seguir, defende. Em linhas gerais, o ISD constitui-se como um “projeto que vai além da linguística e que é de uma *ciência integrada do humano, centrada na dinâmica formadora das práticas de linguagem*” (BRONCKART, 2006, p.20). No que tange à análise do trabalho, Bronckart (2006, p.216) se detém em três dimensões: o trabalho real ou realizado (as ações, verbais ou não, que são realizadas durante a execução de uma tarefa); o trabalho prescrito (textos escritos ou orais que regulam as tarefas a serem realizadas); e o trabalho representado (a interpretação que os envolvidos nas tarefas têm antes ou depois da realização delas). Na busca por avançar na análise do trabalho real, o grupo de pesquisa do ISD na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, do qual fazemos parte, ocupa-se hoje em analisar a principal marca do trabalho real de uma sala de aula: as interações professor/aluno.

Em recente artigo, Guimarães, Drey e Carnin (2012) relatam os primeiros resultados deste interesse pelo trabalho real, que resultou em um projeto de pesquisa maior, em fase de desenvolvimento⁹. Tais resultados contemplam o trabalho de uma aluna de um curso superior de Letras em situação de estágio com um grupo de alunos adolescentes. A análise

⁹ “Constituição da profissionalidade do professor de Língua Portuguesa: a formação de futuros docentes em foco” (com apoio FAPERGS)

volta-se para as situações de trabalho concretizadas na interação entre professora estagiária e alunos, dimensão do trabalho comumente conhecida como “trabalho real” (BRONCKART, 2008) e que, Guimarães, Drey e Carnin (2012) estão denominando de “trabalho real/concretizado”. Esse novo entendimento se dá a partir da noção de que a própria materialização do trabalho docente ocorre nas e pelas interações. Olhar para essa dimensão, portanto, significa analisar “os modos como a linguagem medeia a interação entre professor, aluno(s) e objeto de ensino no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula de língua portuguesa (GUIMARÃES, DREY e CARNIN, no prelo, p.2)”.

A metodologia de tratamento dessas produções languageiras partiu de uma análise do conteúdo temático, seguida de uma análise das características linguísticas dos textos produzidos, em diferentes níveis da arquitetura textual, que passou pelo tipo de discurso empregado, pela necessidade de melhor detalhar o discurso interativo emergente das interações e também por uma análise focada no plano enunciativo.

Além de identificar fenômenos interacionais bastante recorrentes em estudos voltados para as interações de sala de aula, como as clássicas sequências de iniciação-resposta-avaliação (IRA) (SINCLAIR e COULTHARD, 1975; GARCEZ, 2006) e revozeamento (O’CONNOR e MICHAELS, 1996), os autores realizam uma análise dos elementos linguísticos que constituem os textos oriundos das transcrições das filmagens.

Seguindo o padrão da apresentação dos outros dois estudos anteriores, nos deteremos apenas na análise focada nas marcas de pessoa (pronomes pessoais), entendidas como elementos importantes para a apreensão da responsabilidade enunciativa e para entender “o valor atribuído aos índices que revelam o modo como o sujeito enunciador é representado no texto produzido durante o curso de seu agir” (GUIMARÃES, DREY e CARNIN, 2012, p.13).

A análise revelou que a professora estagiária ora se responsabiliza pelas ações e se coloca como “professora da classe e gestora do processo didático” (GUIMARÃES, DREY e CARNIN, 2012, p.14), utilizando a primeira pessoa do singular (eu), como mostra o excerto 1, ora divide essa responsabilidade com os alunos (a gente = professora + alunos), ou os responsabiliza (vocês) pelas tarefas que eles irão realizar, como nos excerto 2 e 3:

Excerto 1

- 928 L: °já falo° ((faz sinal de “pare” com a mão, dirigindo-se ao aluno que a interrompeu)) depois disso a- **eu** vô levá eles pra casa, vô digitá e vô pro↑duzi um jornal com eles

((L volta-se para o quadro novamente e escreve jornal))

Excerto 2

- 737 L: °então° assim ó NÃO a gente não tem como defini se a mentira ela é totalmente certa ou totalmente errada. vai dependê de cada (.) situação. e é sobre Isso (.) que depois do intervalo vocês vão <escrever> um pouquinho.

Excerto 3

- 812 L: o quê que **vocês** vão fazê? **vocês** vão escrevê um arti↑go (.) pra con-
vencer alguém sobre (.) a mentira (1seg) mentira

((ela escreve mentira no quadro))

(excertos retirados de Guimarães, Drey e Carnin, 2012, p.14)

Segundo os autores, essa diferença em relação aos índices de pessoa no que tange às ações da sala de aula está relacionada com o objetivo do trabalho, uma produção de texto, que é de responsabilidade da professora quando ela está apresentando a tarefa, mas que se torna tarefa exclusiva dos alunos no que tange a sua realização.

Além disso, ao falar de um filme que será exibido no turno oposto, ou seja, que não irá influenciar em seu planejamento, a aluna-estagiária claramente deixa o poder de decisão nas mãos dos alunos, diferentemente de outros momentos, em que poderia haver uma maior negociação por parte da professora e não há. Ou seja, como assistir ou não ao filme não irá alterar o planejamento anterior da aula, a professora sugere que os próprios alunos decidam, como mostra o excerto 4:

Excerto 4

- 627 L: pessoal ((faz sinal para pedir-lhes silêncio)) (2 seg) confirma o filme pra
- 628 hoje de tarde ou [vocês querem]
- 629 ALUNOS [sim]
- 630 L transferi?

(excerto retirado de Guimarães, Drey e Carnin, 2012, p.17)

O trabalho apresentado tenta compreender e desvelar a dimensão real do trabalho docente, a partir de uma perspectiva linguístico-discursiva, que alia uma análise discursiva/textual com base na arquitetura textual proposta por Bronckart (1999) a uma análise do gestual e dos aspectos que constituem a estrutura conversacional da fala-em-interação entre professora/alunos no ambiente de sala de aula. A identificação dos processos interacionais que ocorrem no concreto da sala de aula pode auxiliar muito os participantes desse processo, sobretudo o docente a desenvolver um processo de competência interacional (cf. Drey, 2011) que muito poderá ajudá-lo no desenvolvimento de seu trabalho.

A seguir, inseridas na perspectiva interdisciplinar do ISD, reiteramos a necessidade de que, não só os estudos apresentados aqui, mas outros tendo como foco a linguagem dialoguem com áreas afins dentro e fora da Linguística e possam servir para o desenvolvimento das práticas de trabalho estudadas e de seus envolvidos.

O OLHAR DO LINGUISTA AO MUNDO DO TRABALHO

Este artigo tentou responder ao desafio proposto por Bronckart em 2010 (p. 162)¹⁰, ao afirmar que as diferentes abordagens teóricas da interação precisam ser colocadas em debate ou em diálogo para que se possa construir formas de estudar os diferentes níveis de interação.

A pesquisa de Boutet (1994/1997) traz à tona a questão da mobilidade vivida pela grande maioria dos trabalhadores dentro da indústria estudada, elemento que se faz presente quando questionados “no trabalho, o que você faz?”. Embora a autora não faça nenhum comentário desta ordem, essa mobilidade, despercebida ou corriqueira para os envolvidos na situação de trabalho, sejam eles gestores ou os próprios trabalhadores, pode apontar a necessidade de trabalhar (gerencialmente, psicologicamente, sociologicamente) perspectivas de identidade.

O estudo de Ostermann e Souza (2009), por sua vez, revela a relevância de descrever para compreender. Ou seja, em situações de trabalho em que a interação é elemento essencial do desenrolar das ações ali ocorridas, como no caso da consulta médica, é imprescindível que se busque entender melhor as dificuldades dos interagentes bem como as estratégias comunicativas para que efetivamente haja compreensão mútua. A partir dos resultados alcançados, acredito ser de suma importância que aconteça um momento de *feedback* junto aos profissionais envolvidos para que eles possam refletir e ressignificar suas práticas no sentido de buscar uma maior humanização no atendimento a seus pacientes.

O mesmo *feedback*, possivelmente sob a forma de um curso de formação de professores é no que deve resultar o estudo de Guimarães, Drey e Carnin (2012). A descrição das interações de sala de aula bem como a análise dos elementos linguísticos e extralinguísticos que as constituem podem contribuir diretamente com todos os cursos de formação docente, uma vez que o ensino, não apenas de língua materna ou estrangeira, perpassa primordialmente pela interação.

Os estudos aqui descritos trazem claro suporte para a compreensão de que o analista da linguagem pode contribuir para os estudos sobre o trabalho, indo além da análise de conteúdo, como menciona Boutet (1994/1997): o linguista é capaz de realizar a “descrição precisa dos discursos tidos de maneira a contribuir para compreender como os trabalhadores e trabalhadoras interrogadas constroem na sua fala o sentido do trabalho” (p.2). Também Teixeira (no prelo), reitera que a especificidade da intervenção do linguista, “é a atenção que ele dá às formas linguísticas” (TEIXEIRA, p.14). Ou seja, ao linguista é atribuída a capacidade de, enquanto conhecedor de como as línguas funcionam, adentrar o conteúdo das palavras usadas para falar sobre o trabalho e revisar as amarras que revelam o que realmente está sendo dito.

Também, ao contrário do que se poderia pensar considerando os inúmeros estudos que se dão desta maneira, o papel do linguista nas pesquisas sobre o trabalho não reside unicamente em ouvir o trabalhador, mas sim em analisar tudo que envolve o trabalho em termos

¹⁰ O artigo de Bronckart corresponde à sua conferência de abertura do II Congresso Internacional Linguagem e Interação, realizado na UNISINOS, em junho de 2010.

de linguagem. Em última análise, ser linguista aplicado é preocupar-se com a transformação social (OLIVEIRA, 2009) e utilizar seu conhecimento sobre as línguas para promovê-la.

Parece-nos, então, que o trabalho justifica esse “esforço” de dialogar com outras disciplinas e com outros domínios de circulação de saberes, da vida. Ao ultrapassar as reflexões sobre a análise das produções languageiras dos trabalhadores abre-se um leque de possibilidades que precisam ser (re)conhecidas e aproveitadas por outras áreas do conhecimento. Mas o ponto de partida do analista da linguagem (do linguista) parece realmente fundamental para o avanço da compreensão do mundo do trabalho em diferentes áreas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M/VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec 1929/2004.

BOUTET, J. Catégoriser les situations de travail. In: BOUTET, J. *Construire le sens*. Bern: Peter Lang. 1994/1997, p. 67-96.

_____. *Paroles au travail*. Paris : Hammartan, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado; Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

_____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Trad. Anna Raquel Machado; Maria de Lourdes Meirelles Matencio (orgs.). São Paulo: Mercado das Letras, 2006.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercados das Letras, 2008.

_____. Les différentes formes d’interaction et leur statut dans une science du langage: réflexions et questions. *Calidoscópico*, mai/ago, 8(2) p. 154-162, 2010.

DREW, P.; HERITAGE, J. Analyzing talk at work: an introduction. In: _____. *Talk at work: introduction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge Un. Press. 1992, p.3-65.

DREY, R. F. *O processo inicial de competência profissional docente: por uma análise multimodal do trabalho real/concretizado*. Tese de doutorado em Linguística Aplicada. Unisinos: São Leopoldo, 2011.

FAÏTA, D. Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez. 2002, p. 45-60.

GARCEZ, P. M. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. *Calidoscópico* (UNISINOS), 4 (1), 66-80, 2006.

_____; LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *DELTA*, 21(2), 279-312, 2005.

GUIMARÃES, A.M.M.; DREY, R.F; CARNIN, A. Parece difícil e é mesmo: sobre a dificuldade de falar sobre o trabalho docente na sala de aula. IN: CORREA, M. C.; GUIMARÃES, A.M.M.; CORREA, M. C.; (Orgs.) *Formação continuada de professores de Língua Portuguesa: desafios e possibilidades*. Santa Maria: PPGL Editores/UFSM. 2012, p.155-187.

OLIVEIRA, M. C. L. Por uma linguística aplicada mais inclusiva. *Calidoscópio*. Vol. 7, n. 2, p. 93-96, mai/ago 2009.

OSTERMANN, A. C.; SOUZA, J. Contribuições da Análise da Conversa para os estudos sobre cuidado em saúde. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 25(7):1521-1533, jul, 2009.

O'CONNOR, M.; MICHAELS, S. Shifting participant frameworks: Orchestrating thinking practices in group discussion. In: D. HICKS (org.), *Discourse, learning and schooling*. Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 63-103.

SINCLAIR, J.M. e COULTHARD, M. *Toward an analysis of discourse*. Londres, Oxford University Press, 1975, p. 163.

TAYLOR, Frederick Winslow. *Principes d'organisation scientifique dest usines*. Paris: Dunod et Pinat, 1927.

TEIXEIRA, M. Um olhar enunciativo sobre o discurso. IN: BARBISAN, L. B.; DI FANTI, M.G.C. (Orgs.) *Livro do SITED*. Porto Alegre: PUC-RS. (no prelo)